

09 de julho
27/7/97
Pataxós 186

Portugal redescobre o Brasil, 497 anos depois

Preparativos para a festa de 2000 levam pesquisadores a revisitar a História e a rever o superficialismo com que ela é ensinada

Monica Torres Maia e Isabel de Paula

• LISBOA e BRASÍLIA. No calendário, faltam exatos mil dias para o quinto centenário do descobrimento do Brasil. Se parece longe ainda a festa programada para 22 de abril de 2000 em Porto Seguro, em Portugal, os preparativos estão a todo vapor e no Brasil, começam a engrenar. A comissão bilateral do descobrimento — formada pela Comissão Nacional dos Descobrimientos Portugueses, de Portugal, e pela Comissão Nacional do V Centenário do Descobrimiento do Brasil — aproveitou para passar a limpo a História que se ensina nas escolas, tanto brasileiras quanto portuguesas. Membros da comissão já estão conversando com os ministérios da Educação do Brasil e de Portugal com o objetivo de rever o currículo escolar e pôr fim à superficialidade e ao oficialismo com que a matéria é tratada nas salas de aula.

— Aprendemos mal a História do Brasil — constata o secretário-adjunto da comissão nacional, Paulo Lamounier.

Por isso pesquisadores dos dois países estão revirando o passado pelo avesso, desde a primeira missa na Bahia. No Arquivo Ultramarino de Lisboa, que reúne o maior espólio conhecido do Brasil colonial e imperial, um grupo de historiadores brasileiros está catalogando 250 mil documentos, e, depois de microfilmados, serão expostos pela primeira vez

no Brasil. Pesquisadores portugueses, por sua vez, caçam documentos em bibliotecas européias. O Instituto de Investigação Científica e Tropical, de Lisboa, já está expondo os primeiros mapas detalhados do Brasil Colônia.

Na terra de Cabral, tudo o que se relaciona aos 500 anos é noticiado com destaque. Segundo Antônio Camões Gouveia, membro da comissão portuguesa, todo esse esforço de resgate histórico tem um objetivo: compensar o desprezo com que ambos os países trataram a sua História ao longo do tempo. Assim foi até instituído o Prêmio Jaime Cortesão para os pesquisadores que estão produzindo novos textos sobre a História luso-brasileira.

Portal em alto-mar indicará a primeira visão de Cabral

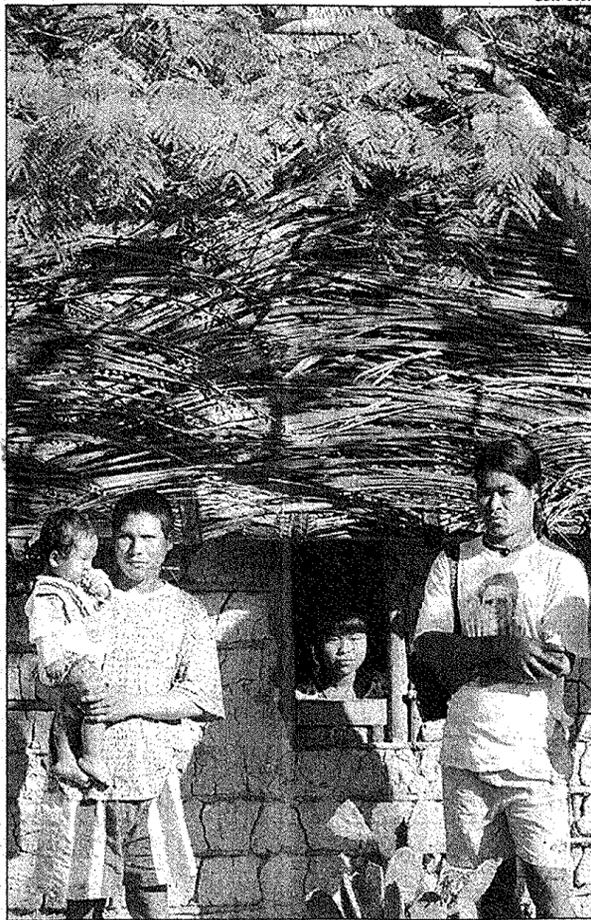
No Brasil, o mais ousado projeto idealizado até agora leva a assinatura de Oscar Niemeyer. Quem for a Porto Seguro em abril de 2000 poderá ter, de barco, a mesma visão dos descobridores. No mar, do ponto do qual Cabral avistou o Monte Pascoal, será erguido o Portal Oceânico do Avistamento, uma enorme escultura de ferro no meio da água. A Petrobras vai usar material de duas plataformas de petróleo na construção do monumento. Outro ponto alto das comemorações será a regata Lisboa-Porto Seguro-Rio, com réplicas das caravelas da frota de Cabral. Em Coroa Vermelha, onde foi celebrada a primeira missa, será erguido o Mo-

numento do Encontro do Velho com o Novo Mundo.

Em junho, quando o presidente Fernando Henrique alertou que o evento é uma prioridade de governo, a comissão resolveu acelerar os preparativos. Fernando Henrique escolheu o vice-presidente Marco Maciel — autor da idéia do megaevento — como o coordenador nacional. Entre os projetos já aprovados constam ainda a criação do Museu Aberto do Descobrimiento, uma área livre de 1.200 quilômetros quadrados no chamado Quadrilátero do Descobrimiento, no Sul da Bahia. A área considerada como o epicentro da descoberta será tombada e transformada em parque histórico nacional. Em Salvador, o Museu Afro-Brasileiro passará por obras de ampliação.

No Rio, o Museu Histórico Nacional também passará por reformas, assim como o Museu Nacional, que abrigará uma exposição sobre a comitiva que acompanhou a imperatriz Leopoldina. O Paço Imperial vai abrigar duas grandes exposições, uma sobre dom João VI e outra sobre dom Pedro I.

Os críticos das comemorações acham essas idéias eurocêntricas. O chefe do Departamento Patrimonial Indígena da Funai, Antônio Pereira Neto, diz que, para os índios, a história do descobrimento só lembra tragédia. Segundo ele, nos últimos 500 anos a população indígena no Brasil caiu de cinco milhões para 330 mil índios. ■



ÍNDIOS PATAXÓS em Coroa Vermelha: contra o Museu do Descobrimiento

Seminários, peças e filmes

• Na área cultural, existem projetos, mas faltam verbas para festejar os 500 anos. Em 3 de novembro, no Palácio da Cultura, no Rio, será inaugurado o ciclo de debates "A descoberta do Homem e do mundo". A série prevê quatro seminários até o ano 2000. Ao todo, serão 25 conferências.

— Queremos uma programação mais extensa, mas dependemos de verba — diz o coordenador de ciclos da Funarte, Adauto Novaes.

O ator Paulo Betti, um dos diretores da Casa da Gávea, planeja a criação de uma companhia de teatro, que encene peças inspiradas nos debates. Betti e Adauto se reuniram na semana passada. Na área cinematográfica, há dois projetos. Um é "O descobrimento do Brasil", roteiro da atriz Carla Camuratti, em fase de captação de recursos. O outro é "Brasil 1500", co-produção Brasil-Estados Unidos.

Pataxós declaram guerra a museu que os expulsaria

Fundação vive fechada e é dirigida por secretário de administração que endividou Salvador até 2015

Waldomiro Júnior

Enviado especial

• PORTO SEGURO (BA). Os pataxós, a tribo encontrada por Pedro Álvares Cabral quando desembarcou, declaram guerra ao Museu do Descobrimiento, o carro-chefe das comemorações. O museu, previsto para ser fundado em Coroa Vermelha, uma das principais aldeias pataxós, onde está o marco da primeira missa, implicaria a retirada dos índios da reserva.

— Se for preciso, vamos à guerra pelo direito sagrado de viver nas terras dos nossos antepassados — garante Itambé, o pajé.

Itambé comanda a resistência ao museu, projeto da Fundação Quadrilátero, criada pelo economista Roberto Pinho com o apoio de artistas e intelectuais como Gilberto Gil, Caetano Veloso, Gal Costa e Arnaldo Jabor. Os índios têm como aliados a Funai, o Ibama, ONGs e boa parte da comunidade, incluindo vereadores e o prefeito Ubaldo Júnior (PSB).

— É um projeto de cima para baixo, sem a participação dos índios ou de qualquer outro segmento da comunidade. Para a população parece um golpe imobiliário — critica o prefeito.

A fundação funciona numa pequena casa em Arraial da Ajuda, que, segundo os moradores, quase sempre está fechada. Pinho foi secretário de Planejamento de Salvador na administração Mário Kértész, processada por obras

suspeitas e que esgotou a capacidade de endividamento da capital até 2015.

Por trás do paradoxo de retirar os índios de uma área que se destinaria a lembrar um acontecimento histórico do qual seus antepassados foram protagonistas podem estar interesses financeiros. Segundo o chefe-substituto do escritório da Funai, Ermélio Barreto, os frutos de qualquer atividade econômica proveniente de terras indígenas pertencem aos índios — no caso, a renda da exploração do futuro museu.

Além da polêmica sobre o museu, não há nada na região que lembre os 500 anos. Depois da pompa do 22 de abril de 96, ninguém do Governo federal voltou ao lugar. Essa falta de ação está resultando em descrédito.

Índios e Ibama reclamam da falta de assistência federal

A falta de uma ação efetiva em relação aos festejos não é a única crítica ao Governo federal. Os pataxós reclamam dos poucos recursos da Funai para assisti-los e o Ibama, da falta de condições materiais para proteger o mais importante patrimônio histórico-ambiental do país, o Parque de Monte Pascoal.

O parque, primeiro cenário avistado pelas caravelas, sofre com a ação clandestina dos madeireiros. Muitas vezes, segundo o Ibama, com a ajuda dos pataxós, fato admitido pela Funai. ■

Descobridor volta à cena

Ex-bordel, casa de Cabral é restaurada

• LISBOA. Os 500 anos do Descobrimiento estão espanando o pó e abrindo as janelas do patrimônio histórico luso-brasileiro. A Câmara de Santarém, a 90 quilômetros de Lisboa, onde Pedro Álvares Cabral viveu seus últimos 32 anos, começou a restaurar este ano a casa e o túmulo do navegador. Até então, Cabral estava esquecido. O sobrado do século XV onde ele morou com a mulher, Isabel de Castro, se encontrava em estado lastimável, escurado por vigas para não desabar e funcionando como bordel. Até o quarto de Cabral era sublocado pela moradora do imóvel, Maria José Ramos, de 80 anos, para as prostitutas.

Seu túmulo, na Igreja da Graça, vizinha ao sobrado, era praticamente ignorado porque a inscrição na lápide não lembrava o Descobrimiento do Brasil, e sim exaltava a família de sua mulher, influente na época. Mas até o ano 2000, a igreja vai ser restaurada, o túmulo de Cabral ficará novo e sua casa poderá ser visitada sem sustos.